



Diretório insiste na candidatura de André Ceciliano ao Senado e não aceita que Alessandro Molon dispute a vaga. Gesto do PT-RJ, que precisa ser avaliado pela cúpula nacional do partido, foi duramente criticado

PT abandona Freixo e abre crise com o PSB

» VICTOR CORREIA

O diretório do PT no Rio de Janeiro retirou o apoio ao deputado federal Marcelo Freixo ao Palácio Guanabara e aprofundou a crise com o PSB no estado, cujos reflexos deverão ser sentidos na **aliança nacional** em torno da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência. O rompimento é porque o PT-RJ insiste na candidatura ao Senado do deputado estadual André Ceciliano, enquanto os socialistas não abrem mão de que o deputado federal Alessandro Molon dispute a vaga e compoña a chapa majoritária.

O rompimento, porém, ainda precisa passar pelo crivo do diretório nacional do PT, mas a fratura se aprofundou. O partido acusa Molon e o PSB de quebrarem um acordo firmado, no final do ano passado, que previa que os petistas fariam o candidato ao Senado em troca de não lançarem um nome ao governo fluminense.

Molon, porém, nega o acerto e defende que sua candidatura é a única capaz de rivalizar com a do senador bolsonarista Romário (PL-RJ). “Nossa pré-candidatura já tem o apoio de quatro partidos: PSB, PSol, Rede e Cidadania. E aparece em primeiro lugar na última pesquisa para o Senado. Reafirmo: não fiz e não participei de qualquer acordo para ceder ao PT a vaga ao Senado”, assegurou.

Ele acrescentou que os petistas estão defendendo interesses menores, quando todos deveriam estar mais preocupados em enfraquecer o bolsonarismo e seus representantes. “Não podemos repetir os erros do passado”, exortou Molon.

O presidente do diretório fluminense do PT, João Maurício de Freitas, defendeu a posição do partido. Além de classificar como “egoísta, divisionista e isolada” a posição de Molon, acusou-o de ser o responsável por romper a maior aliança da esquerda no estado nos últimos 30 anos. “Fomos um dos primeiros

Pedro Prado



Apoio do PT a Freixo é considerado fundamental para que ele consiga rivalizar com Cláudio Castro na disputa pelo Palácio Guanabara

Nó apertado no RS

Assim como no Rio de Janeiro, outro nó de PT e PSB é no Rio Grande do Sul. O então pré-candidato ao governo gaúcho pelo PSB, Beto Albuquerque, desistiu de concorrer e o partido culpou a dificuldade em compor com PT e PDT como motivo para a desistência. No estado, o conflito gira em torno da candidatura ao Executivo, pois enquanto o PSB defendia Albuquerque, o PT insiste no deputado estadual Edegar Pretto. A saída do pessebista, porém, não resolveu o conflito, pois a legenda insiste na candidatura própria — e lançou o ex-deputado federal Vicente Bogo ao Palácio Piratini.

partidos a declarar apoio a Marcelo Freixo, e construímos com muito empenho e dedicação sua pré-candidatura”, observou.

A deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) também defendeu a decisão do diretório. Em áudio enviado a correligionários, criticou Molon e afirmou que “não falta palanque para Lula” no Rio.

Ceciliano, o candidato que o PT quer para o Senado, é presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e muito próximo do governador Cláudio Castro (PL). Por conta disso, apoiadores de ambos estavam até pregando o voto “bolsolula” — o atual ocupante do Palácio Guanabara é apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e o pré-candidato a Senado, pelo ex-presidente.

Reflexos

O rompimento do PT com a campanha de Freixo pode ter reflexos negativos no partido nos cenários estadual e nacional. Segundo levantamento Genial/Quaest, de 14 de julho, o candidato do PSB e Castro estão tecnicamente empatados, com 22% e 24% das intenções de voto, respectivamente. Para piorar, a crise acontece no berço político de Bolsonaro (PL) e seus filhos.

A decisão do PT fluminense foi criticada por aliados e membros do próprio partido. “Entendemos a legitimidade da estratégia do PT de ter candidatura própria ao Senado no Rio de Janeiro. Mas exigir a retirada do candidato que, em sucessivas pesquisas, é o mais bem posicionado para derrotar o candidato do bolsonarismo, escapa à lógica. Não

há hipótese de apoiarmos Ceciliano”, disse a deputada federal Talíria Petrone (PSol-RJ).

O ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, também se disse preocupado com a situação e reiterou apoio a Freixo. “Vejo com preocupação, porque temos grande condição de vencer as eleições no Rio. Temos um candidato que, se não é o líder, está próximo do líder. Uma figura louvável.

O PT-RJ também foi severamente criticado nas redes sociais. Uma delas veio da cantora Anitta, ao pedir que Molon “lance logo” a candidatura e declarar voto a ele — tal como fizera com Lula. Outro que se manifestou contra o PT fluminense foi o youtuber Felipe Neto: disse que a decisão foi “uma politicagem mesquinha, pequena e vergonhosa”.

» PROS apóia Lula e Marçal judicializa

O PROS apoiará a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e se prepara para retirar a de Pablo Marçal — o influencer, mesmo assim, anunciou, também ontem, que vai ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para tentar manter o sonho de comandar o país. A negociação para a adesão do PROS à campanha de Lula foi negociada entre o presidente da legenda, Eurípedes Júnior, o coordenador de programa da campanha de Lula, Aloizio Mercadante, e o candidato a vice na chapa petista, Geraldo Alckmin. Já Marçal disse que jamais “andaria” com o PT e, nos bastidores, comentava-se que apoiaria Jair Bolsonaro (PL) num eventual segundo turno. A chapa de Lula contará com o apoio de PT, PSB, PC do B, PV, REDE, PSol, Solidariedade e PROS — mais setores do MDB e do PSD.

Bolsonaro não vai mais à Fiesp

O presidente Jair Bolsonaro (PL) cancelou, ontem, a ida à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) como candidato à reeleição. Ele havia marcado a visita à entidade para 11 de agosto e também desistiu de jantar com empresários, do grupo Esfera Brasil, no mesmo dia.

Extraoficialmente, o motivo para o cancelamento da ida à Fiesp é a pressão que Bolsonaro seria pressionando a assinar o manifesto pela democracia articulado pela Fiesp e que tem o apoio de entidades como a Federação do Comércio de São Paulo (FecomercioSP) e a Federação Brasileira dos Bancos (Febraban).

A Fiesp recolhe assinaturas para o documento em meio aos ataques sem provas de Bolsonaro ao sistema eleitoral. A entidade comandada por Josué Gomes pretendia convidá-lo a assinar a carta no debate da semana que vem. Mas, ontem, em entrevista, o presidente rejeitou tornar-se signatário. “Essa carta é política, não preciso dizer se sou democrático ou não. Não precisa de carta, comprovo que sou democrata pelo que fiz”, disse.

Também no dia 11 de agosto, um ato está marcado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no Largo de São Francisco, de manhã. Juristas, empresários, banqueiros, ex-ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e representantes de diversas entidades da sociedade civil planejam se reunir para um evento de resposta aos ataques de Bolsonaro ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A Fiesp tem realizado debates com os candidatos à Presidência para entregar as propostas do setor industrial e ouvir os planos de governo de cada candidato. A entidade empresarial sabatinou o nome do MDB ao Palácio do Planalto, Simone Tebet, e vai debater temas de interesse do setor com Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na próxima terça-feira.

Pacheco defende urnas, ministros e TSE

» RAPHAEL FELICE

Em pronunciamento no Plenário do Senado depois do recesso, o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), voltou a defender as urnas eletrônicas, o processo eleitoral, o Tribunal Superior Eleitoral e o Estado democrático de direito. O parlamentar, novamente, seguiu no caminho oposto ao do comandante da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL), que vem se esquivando de assumir posições contrárias às do presidente Jair Bolsonaro (PL) — que faz críticas frequentes ao pleito e ao sistema de votação.

Pacheco defendeu, sobretudo, os ministros Edson Fachin e Alexandre de Moraes, respectivamente atual e próximo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — alvos habituais de Bolsonaro e seus aliados. “Gostaria de reconhecer o bom trabalho que vem sendo realizado na presidência do Tribunal Superior Eleitoral pelo ministro Edson Fachin, bem como expressar minha certeza de que tal trabalho exitoso terá continuidade na gestão do ministro Alexandre de

Moraes, que assume, no próximo dia 16 de agosto, a presidência da Corte Eleitoral, responsável pela condução das eleições”, disse.

Orgulho nacional

O presidente do Senado destacou a importância das urnas eletrônicas como ferramentas para evitar os “vícios eleitorais” que macravam o voto em papel. “As urnas eletrônicas têm sido motivo de orgulho nacional e trouxeram, nesses 26 anos de uso no Brasil, transparência, confiabilidade e velocidade na apuração do resultado das eleições. Elas têm-se constituído em ferramenta poderosa contra vícios eleitorais muito frequentes na época do voto em papel. Representam, portanto, um verdadeiro aperfeiçoamento institucional”, afirmou.

Pacheco acrescentou que tem “plena confiança” no sistema eleitoral, no TSE e afirmou que o próximo presidente da República terá legitimidade reconhecida, assim que proclamado o resultado das urnas.

“O rito eleitoral confere protagonismo à vontade popular,

Roque de Sá/Agência Senado



garantindo que os verdadeiros detentores do poder possam livremente escolher seus governantes. As eleições existem para assegurar a legitimidade do poder político, pois o resultado das urnas é a resposta legítima da vontade popular. Legitimidade que deve ser reconhecida, assim que proclamado o resultado das urnas”, salientou.

Mais uma vez, Pacheco pediu “pacificação de ânimos” e

civilidade durante o período eleitoral. “Na qualidade de chefe de Poder, no começo deste segundo semestre de 2022, faço um apelo a todos os cidadãos, a todos os segmentos da sociedade e a todas as autoridades públicas no sentido da pacificação de ânimos, no sentido do cultivo da razoabilidade e da civilidade”, observou.

O discurso de Pacheco veio na sequência mais uma crítica



As urnas eletrônicas têm sido motivo de orgulho nacional e trouxeram, nesses 26 anos de uso no Brasil, transparência, confiabilidade e velocidade na apuração do resultado das eleições”

Senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG)

de Jair Bolsonaro (PL), dessa vez contra as cartas em defesa da democracia elaboradas pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e pela Federação da Indústria dos Estados de São Paulo (Fiesp) — com apoio de instituições como a Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Segundo o presidente, quem aderiu aos documentos é “cara de pau” e “sem caráter”.